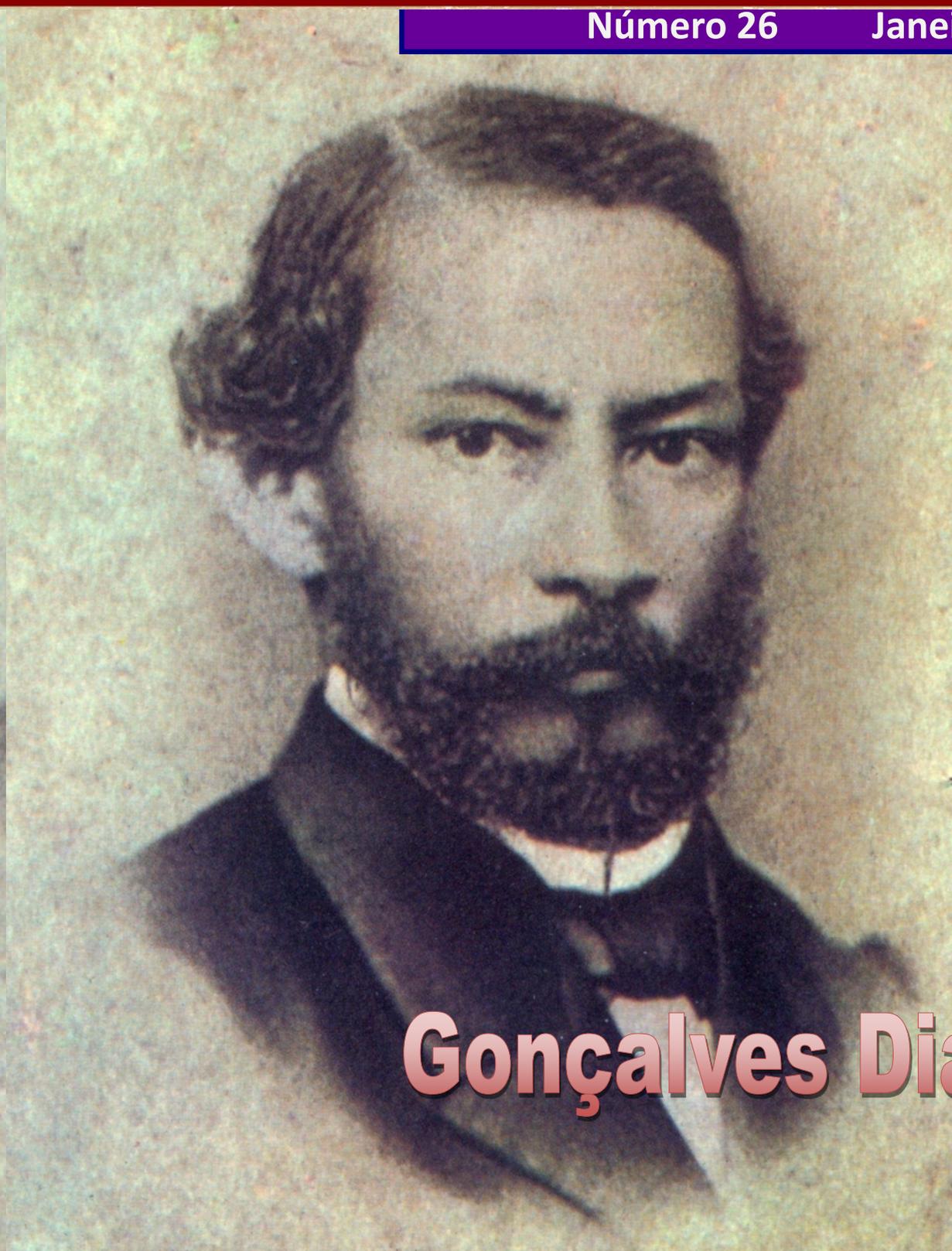


**Informativo sobre Literatura Maranhense**

**lh@virtu@lpontocom**

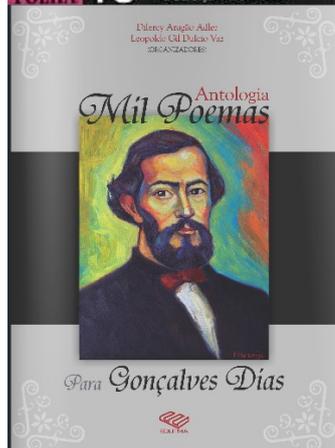
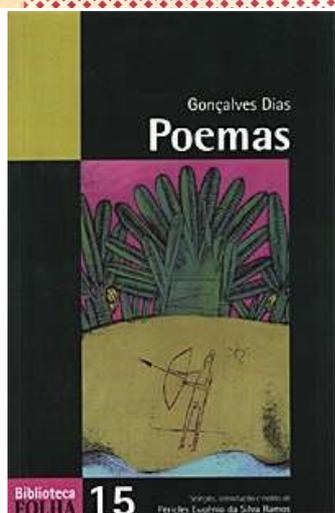
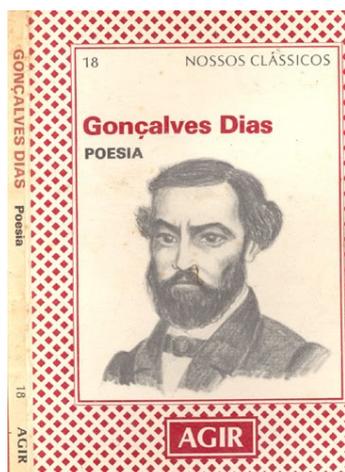
**Número 26**

**Janeiro/2016**



**Gonçalves Dias**

## EDITORIAL



Caros leitores, caras leitoras,

Estamos de volta com mais uma edição do Ilh virtualpontocom. Como é possível perceber, adotamos, para este ano de 2016, um novo logotipo, mais alegre e mais voltado para o mundo virtual. Também estamos fazendo o possível para que o informativo mantenha sua periodicidade mensal.

Neste número, temos um estudo sobre e infância de Gonçalves Dias, nosso Poeta-Maior, em um artigo assinado pela jovem e promissora Francisca Girlene, que tem se dedicado ao estudo das letras maranhenses, principalmente da produção dos escritores caxienses. Temos também um artigo sobre o novo livro do professor Marcos Fábio Belo Matos e outro sobre a poesia de Félix Alberto Lima.

O tradicional Cantinho da Poesia e as sugestões de leitura continuam ativos, mas agora vêm acompanhados de uma sessão voltada para a música, com indicação de CDs e DVDs de autoria maranhense.

Pela primeira vez, iremos divulgar informes de caráter publicitário, mas nenhum deles é pago. Trata-se apenas de uma forma de divulgar trabalhos, empreendimentos e eventos de pessoas e instituições que sempre colaboram com a cultura maranhense.

Desejamos uma boa leitura a todos e avisamos que continuamos aceitando colaborações em forma de textos para nosso informativo.

### EXPEDIENTE

Editor, revisor e organizador—José Neres

Ilh virtualpontocom é uma publicação mensal, sem fins lucrativos, voltada para a divulgação da cultura maranhense.

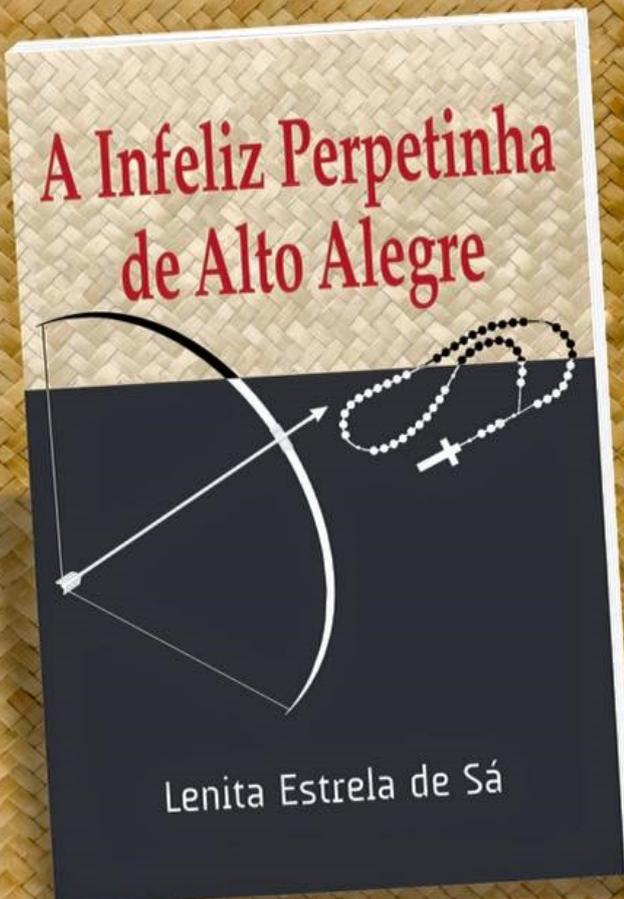
Colaboradora neste número: Francisca Girlene Dias Silva





## LANÇAMENTO

No dia **12 de fevereiro** (uma sexta-feira), às 19 horas, no **Centro de Criatividade Odylo Costa, filho**, a escritora Lenita Estrela de Sá lançará seu mais recente livro—**A Infeliz Perpetinha de Alto Alegre**. Todos estão convidados. Anotem a data e a hora em suas agendas...



## Convite

O Centro de Criatividade Odylo Costa Filho convida-o para o coquetel de lançamento de “A Infeliz Perpetinha de Alto Alegre”, de Lenita Estrela de Sá, dia 12 de fevereiro, às 19 horas.

# A infância do poeta Gonçalves Dias na cidade de Caxias

Por Francisca Girlene Dias Silva\*

Entre idas e vindas do Sítio Boa Vista, o comerciante português João Manuel Gonçalves Dias se encantou pela mestiça Vicência Mendes Ferreira. Ao ser correspondido, levou-a para morar com ele na Rua do Cisco (atual Benedito Leite), localizada no centro de Caxias.

Naquela época, o Maranhão era ligado diretamente à Coroa Portuguesa. Assim, quando Dom Pedro I proclamou a Independência do Brasil em 1822, houve forte resistência das tropas portuguesas em todo o estado. Com a prisão do Major Fidié em Caxias, as tropas nacionalistas invadiram a Vila de Aldeias Altas e lançou multas para aquelas pessoas que haviam apoiado o movimento de resistência. Decidido a não pagar a pena imposta pela nova jurisdição, o comerciante resolveu esconder-se com a família no sítio localizado nas matas do Jatobá.



*João Manuel Gonçalves Dias (...) fugiu com sua amante Vicência Ferreira, às pressas, grávida de nove meses, ainda sentindo dores, seguindo as margens do Rio Itapecuru à noite, passando pelas cercanias do Cemitério das Pedras, do bairro do Ipem, Sabiá, atravessou o riacho São José, trilhou pela Estrada Velha da Sambaíba, no 2º. Distrito de Caxias (SHALLKYTTON, 2014),*

Sob o céu maranhense livre do domínio português, Vicência deu à luz ao menino Antônio



Gonçalves Dias no dia 10 de agosto de 1823. Seu pai, por sua vez, temendo o pior viajou para Portugal. Ao voltar três anos depois reintegrou o comércio na Rua do Cisco e levou Vicência e o filho para morarem com ele.

Em 1829, João Manuel Gonçalves Dias separa-se da companheira e casa-se com Adelaide Ramos de Almeida. Daí por diante, Gonçalves Dias passa a morar com o pai e a madrasta.

*Casa n° 23, onde residiu o poeta Gonçalves Dias, na antiga Rua do Cisco, hoje rua Benedito Leite (casa de esquina n° 23 .*

Na cidade de Caxias, o menino Gonçalves Dias cresceu. Era forte, inteligente, curioso, “*não tinha temperamento mofino ou acomodado, ao contrário, vivia envolvido em porfias de corridas, saltando em árvores ou à cata de passarinhos.*” (MONT’ALVERNE, 1975, p.126). Como outras crianças de sua idade, descreve Ana Miranda (2002, p. 19):

*Antonio também gostava de atravessar as águas do Itapicuru a nado até os bancos de areia, ou de ficar boiando em pedaços de troncos até encalhar nos baixios, o que era defeso, era faz-mal, poucos meninos se aventuravam a esse perigo, Antonio jogava pedras no rio, olhava os marujos a dar nó nos cabos da barçaça, corria nas campinas esvoaçando de branco, comia pacova até ficar entupido, andava de mula no campo do trigo turco, nas brenhas de espinheiras e de palmeiras.*

Aos sete anos de idade iniciou o processo de aprendizagem com o Prof. José Joaquim de Abreu, depois com um primo “*também de nome Antônio, que, à custa de rigores que chegavam aos castigos corporais, ensinou-lhe caligrafia e noções básicas de contabilidade*”. (MORAES, 1998, p. 33).

Aos dez anos de idade já trabalhava com o pai atendendo ao balcão do comércio, que era repleto de mercadorias, lá vendia de tudo: “*feijão, arroz vermelho da terra, farinha, carne-seca, peças de tecido de chita, rolos de tabaco, pedras de açúcar mascavo e rapaduras, ovos, linha de costura, sal, café, manteiga de garrafa, barbante, algum botão de osso, alforjes, alpercatas*” (ANA MIRANDA, 2002, p.20).

O escritor Antônio Henrique Leal no seu livro *Panteon Maranhense* (1987), aponta o perfil do pequeno despachante: “*Era para ver como ele daquele tamaninho, que mal lhe aparecia a cabeça por trás do balcão, não se deixava embair pelos fregueses, antes levava-lhes a melhor em respostas agudas e ditos picantes*”.

Além de ter sangue indígena correndo em suas veias, foi no comércio que Gonçalves Dias teve contato com os índios que procuravam “*o centro comercial de Caxias para troca de seus artigos de artesanato, com certos gêneros alimentícios e artigos do pequeno mundo civilizado*” (COLARES, 1973, p. 75). Mas foi nas ruas de Caxias “*que o menino Tônico presenciou os maus-tratos infligidos aos negros e aos índios e isso o motivou a ter horror à escravidão dos africanos e a violência contra o indígena. Essas lições da infância foram depois transformadas em belíssimos poemas e prosas que exaltaram essas duas raças*”. (SANTOS, 2011).



**Francisca Girlene Dias Silva** é graduada em Letras e em Serviço Social, é pesquisadora cultural e mantém o blog Textos Encantadores.

Acesse, leia e comente

<http://textosencantadores.blogspot.com.br>



A inteligência e o hábito de leitura do filho fizeram com que João Manuel o presenteasse com vários livros:

*“Percebendo o interesse e a avidez com que o filho costumava ler tudo quanto alguns colegas de infância lhe franqueavam, a exemplo da “História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França”; “Paulo ou a Herdade Abandonada”; “O Cego da Fonte de Santa Catarina”, além de outros livros de Duminil, de Marmontel, de Montelieu, de Florian e de Bernardin de Saint-Pierre...” (MORAES, 1998, p. 33).*



Riacho Ponte. Nessas águas cristalinas o poeta Gonçalves Dias adorava tomar banho sempre que retornava a Caxias.

Em 1837, João Manuel decidiu levar Gonçalves Dias para estudar na Universidade de Coimbra, porém, muito doente, faleceu em São Luís. Em 13 de maio de 1838, com a ajuda da madrasta Adelaide, o nosso poeta deixa Caxias e parte para estudar em Portugal, onde escreve o poema “Saudades”:

*Parti, dizendo adeus à minha infância.  
Aos sítios que eu amei, aos rostos caros,  
Que eu já no berço conheci, - àqueles  
De quem, malgrado a ausência, o tempo, a morte  
E a incerteza cruel do meu destino,  
Não me posso lembrar sem ter saudades,  
Sem que aos meus olhos lágrimas despontem.*

Terminados os estudos em Coimbra, regressa a Caxias no ano de 1845, e hospedou-se na casa da Rua do Cisco com a madrasta Adelaide. Em Caxias o poeta escreveu diversos poemas, entre eles: “Morro do Alecrim”; “Sofrimento”; “Recordação”; “O Cometa”; “Tristeza”; “O Soldado Espanhol”; “Deprecação”; “Amor? Delírio – Engano”; “A Virgem”; “Tristes Recordações” e “Caxias”. E uma das suas mais brilhantes prosas “Meditação” (o terceiro e último capítulo foi escrito em São Luís).

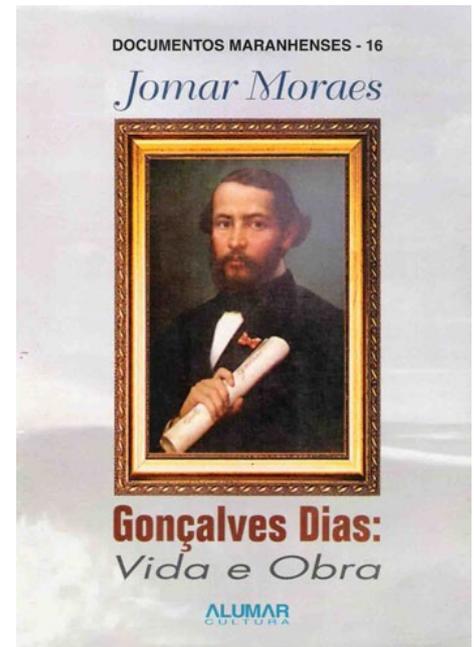
Foi aqui, na terra amada, que o poeta Gonçalves Dias se viu incomodado com as críticas a sua vida pessoal:

*A curiosidade caxiense rondava a vida do Poeta, tentando pesquisar, no seu comportamento, algo que o indispucesse com a sociedade. Estatura abaixo da média, fronte alta, olhos pequenos e brilhantes, Gonçalves Dias andava pelas ruas de Caxias, desnudado pela inusitada curiosidade pública, que já o repulsava pelos seus modos desenvoltos, atentatórios aos graves e rígidos princípios do burgo. A fumaça do charuto redemoinhava a irritação de Aldeias Altas; os goles de cerveja e a vinhaça sorvidos no balneário do Riacho da Ponte denunciavam os costumes que o Poeta iria introduzir, mas que lhe eram tão naturais (MONT’ALVERNE, 1975, p. 136).*

Um escândalo para a sociedade da época, tudo nele despertava reprovação nos caxienses - o seu o jeito de vestir, hábitos, opiniões: “*Calcule-se o espanto de Caxias diante do moço doutor Gonçalves Dias que tomava banho de riacho entre cervejas, charutos e, naturalmente, um pouco de tiquira, a forte cachaça de mandioca, bebida maranhense de homem macho. Haviam de considerá-lo um demônio, destruidor da sociedade*”. (COSTA FILHO, 1970).

Decepcionado, Gonçalves Dias aceita o convite do amigo Teófilo Leal e viaja para São Luis no início de 1846. Aliás, foi em São Luís que ele conheceu o grande amor de sua vida, Ana Amélia Ferreira Vale, prima de seu amigo Teófilo Leal. Segue para o Rio de Janeiro, onde, após receber a resposta negativa sobre o pedido de casamento que fizera a Ana Amélia, casa-se em 1852 com Dona Olímpia.

Entretanto, mesmo morando longe do Maranhão e alcançado a consagração como expoente do Romantismo, o poeta nunca esqueceu sua terra natal. Veio sempre que lhe foi possível visitar os amigos e familiares aqui no Maranhão, na sua amada Caxias.



## REFERÊNCIAS:

- LEAL, Antônio Henriques. “**Gonçalves Dias**”. In: *Pantheon Maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos*. Rio de Janeiro: Editorial Alhambra, 1987. 2ª edição.
- COLARES, OTACÍLIO. **O Romântico Gonçalves Dias**. In *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza, ano LXXVI, n.36, 1975.
- MIRANDA, Ana. **Dias e Dias**. Companhia das Letras. São Paulo, 2002.
- MONT’ALVERNE, Francisco Marialva. **Atualidade Gonçalvina**. In *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza, ano LXXVI, n.36, 1975.
- MORAES, Jomar. **Gonçalves Dias: Vida e Obra**. São Luís: Alumar, 1998.
- COSTA, FILHO, Odylo . Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras. 1970.
- SHALLKYTTON, Erasmo. **Gonçalves Dias – Ainda no meio do mar**. Disponível: <<http://www.shallkytton.com/visualizar.php?id=658989>>. Acesso em 01 de janeiro de 2014.
- SANTOS, Neide Medeiros. **Gonçalves Dias: “um poeta mestiço como sua pátria”**. Crítica literária – FNLIJ/PB Disponível: <<http://nastrilhasdaliteratura.blogspot.com.br/2011/11/goncalves-dias-um-poeta-mestico-como.html>>. Acesso em 14 de agosto de 2014.

# OS CONTOS CÁUSTICOS DE MARCOS FÁBIO BELO MATOS

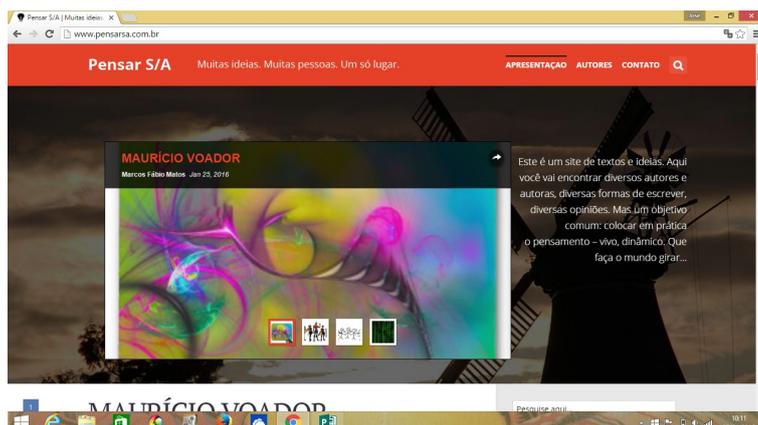
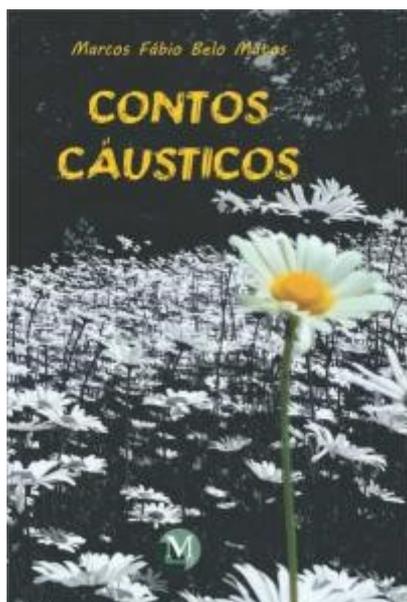
Por **José Neres**

(Professor de Literatura  
Brasileira)

**M**arcos Fábio Belo Matos começou, como muitos autores, sua trajetória literária investindo no campo da poesia, com o livro *Anonimato*, publicado em 1990. De lá para cá, o poeta cedeu espaço para um excelente pesquisador e um competente ficcionista, que já publicou quase duas dezenas de livros e que está sempre em processo de produção de novos textos, mas que já demonstra haver optado por um estilo capaz de imprimir suas digitais principalmente em seus contos.

E é na construção de contos que o escritor e membro da Academia Bacabalense de Letras realiza o melhor de sua produção ficcional. Embora seu estilo não busque solidificar inovações técnicas e/ou estilísticas, nem corra atrás de formas fórmulas mirabolantes de escrita, Marcos Fábio consegue manter um padrão de escrita capaz de agradar tanto ao leitor iniciante quanto aos mais exigentes em termos de obra literária.

Agora, quase no fechar das cortinas de 2015, o escritor traz a lume o livro *Contos Cáusticos* (Curitiba, Editora Moura Sá, 92 páginas), contendo 43 narrativas breves, algumas brevíssimas, verdadeiros microcontos. O cerne dos textos está centrado nos encontros, desencontros e até reencontros que, sem aviso, a vida proporciona. As personagens do livro geralmente são pessoas angustiadas que vivem à procura de algo que talvez se esconda dentro de cada um.



Visite o site

[www.pensarsa.com.br](http://www.pensarsa.com.br)

As narrativas são quase sempre lineares, sem malabarismos verbais, pois o interesse do autor é esmiuçar comportamentos e, às vezes, ironizar situações cotidianas, que poderiam passar de forma imperceptível caso não fossem vertidas em forma de arte. A acidez das situações perpetradas pelo autor pode tanto levar à perplexidade, como em *Voz de Confiança* (p. 31), quanto ao riso, conforme acontece em *Pequenas Maldades* (p. 64). Mas o auge do livro está na contenção verbal do autor. Usando poucas palavras, ele consegue traçar todo um cenário narrativo, mostrando que, em alguns casos, a economia de palavras escritas pode esconder uma riqueza de significados, como ocorre no significativo *Separação* (p.26).

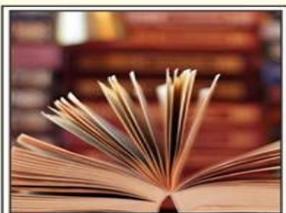


**No carro, a filha voltou para o banco da frente.**

As diversas faces da violência são outro tópico abordado por Marcos Fábio. Seja por causa de um bem material (*O Relógio*, p. 32), seja por um estupro-homicídio (*Confissão*, p. 27), ou por uma agressão sofrida há décadas (*Tapa na Cara*, p. 55), as personagens vivem pagando por suas decisões quase sempre equivocadas e que se transformam em motivo de arrependimento. Essa sensação de arrependimento é explorada em suas diversas matizes. Em alguns casos, esse sentimento vem em forma de um mero bilhete encontrado em uma caixa, como no excelente *Guardados* (p. 71), na descoberta da perfeição da mulher que não é sua (*A Mulher Perfeita*, p. 61) ou ainda no vingativo *Zanoio* (p. 62), mas, de uma forma ou de outra, a maioria das personagens convive com seus traumas e com seus problemas existenciais e deles não conseguem se esconder.

De forma geral, excetuando-se o conto *Tecidinho Adiposo* (p. 34), que tem uma abordagem quase romântica, todos os textos do livro trazem a corrosão e a acidez estigmatizadas na pele e no comportamento das diversas personagens. Mais uma vez Marcos Fábio Belo Matos traz a público um livro saboroso e cheio de bons momentos. Uma obra para ser lida e relida. Talvez os leitores se encontrem em algumas das histórias. Tudo e possível neste mundo cáustico que dá tantas voltas.

Cel: (98)  
988073787 - oi  
991801720 - vivo  
982551736 - tim



**SEBODOARTEIRO**  
livros novos e usados

blog: [SebodoArteiro.blogspot.com](http://SebodoArteiro.blogspot.com)  
e-mail: [mjosearteiro@gmail.com](mailto:mjosearteiro@gmail.com)  
face: SebodoArteiro

## OS FLASHES POÉTICOS DE FÉLIX ALBERTO LIMA

Por **José Neres**

(Professor de Literatura)

Alguns grandes nomes da literatura mundial como, por exemplo, o romano Catulo e o brasileiro Manuel de Barros nos ensinaram que a Poesia pode estar entranhada até mesmo nas coisas mais simples da vida, cabendo ao poeta a missão de traduzir em palavras aquilo que nem sempre é visível para quem encara o mundo apenas com os olhos do pragmatismo. A Poesia está em todos os lugares e às vezes grita para ser encontrada, para sair do campo das ideias mostrar-se ao mundo em forma de palavras.

Mas nem todos têm a sensibilidade enxergar pelas frestas do cotidiano e dali extrair a seiva necessária para transformar breves observações em obra de arte. Felizmente, para o bem do mundo, algumas pessoas andam por aí atentas aos sussurros da Poesia e conseguem, em poucos versos, em poucas palavras, transformar momentos efêmeros em eternidades. Para felicidade, nossa um dessas pessoas é o maranhense Felix Alberto Lima, recentemente publicou seu livro “*O que importa agora tanto*”.

Logo ao pegar o livro, o leitor sente logo o cuidado gráfico da Editora 7Letras, com uma diagramação leve e que visa a valorizar o texto sem cansar os olhos de quem se propõe a ler a obra. Na orelha, no prefácio e na contracapa, nomes consagrados como Zeca Baleiro, Salgado Maranhão, Antônio Carlos Secchin, Domicio Proença Filho e Geraldo Carneiro saúdam o jovem autor e passam suas impressões a respeito do estro poético desse jornalista e pesquisador que já enveredou por tantos caminhos nas letras, mas que somente agora decidiu mostrar ao público seus versos.



José Neres, Jomar Moraes, Ceres Costa Fernandes e Félix Alberto Lima na noite do lançamento do livro em São Luís. (Fonte: página social do autor)

Mas é preciso ir além da perigrafia textual para que o leitor perceba que os elogios que cercam o volume não são meras formalidades. Ao passar as páginas, pode-se perceber que os poemas enfeixados por Felix Alberto Lima no livro, apesar de apresentarem algumas irregularidades, primam pelo senso estético e estão eivados de qualidades poéticas de alto nível, rendendo excelentes páginas poéticas carregadas daquelas características fundamentais preconizadas por Ezra Pound: as imagens poéticas (fanopeia), a ênfase na sonoridade (meloopia), sem deixar de lado os aspectos intelectuais da poesia (logopeia).

Uma das principais características de “*O que me importa agora tanto*” é a preocupação com o uso das palavras em busca da melhor solução poética para a ideia que tem que se transformar em verso. Desse trabalho com a linguagem surgem páginas antológicas em que a simplicidade das palavras contrasta com a complexidade de algumas imagens poéticas, como, por exemplo, no poema *Passe Livre*, (mais de sessenta anos de idade / uma vida inteira de altruísmo / e olha ele ali ainda / na fila da felicidade), no qual o poeta mostra ao leitor mais do que as palavras dizem e, em uma junção do título com o corpo do poema deixa para o leitor diversos questionamentos que só podem ser respondidos com um mergulho na realidade que se esconde por trás das palavras.

A sensualidade é outra marca do livro. Em poemas como *Fetichê* (não sei se ela finge / nas noites de gueixa / ou nas tardes de esfinge), *Voyeur* (por trás da persiana / há uma mulher de lingerie / tocando-se à paisana) e em alguns outros, o jogo de esconder é a principal arma do poeta para descrever cenas que podem despertar a imaginação do leitor sem necessidade de apelar para a descrição explícita da beleza da cena.

Muitas outras temáticas podem ser encontradas nesse livro de Félix Alberto Lima, que, como afirmou Salgado Maranhão no prefácio da obra, age como uma espécie de “flâneur da vida banal”, a passear poeticamente por diversos recantos e retirando de acontecimentos aparentemente comuns a matéria-prima para a construção dos poemas que compõem o livro. No meio de abordagens sociais, temas existenciais e de críticas ao cotidiano, o poeta ainda encontrou espaço para diversas incursões na metalinguagem, explicando que escreve “como / quem caminha / pelo tempo / no centro da cidade”, e ainda por cima explica um estilo em que: “sem par / não faço / poesia / com a / mão / apenas / fricção.”

Sem dúvida, o já aclamado pesquisador e jornalista Félix Alberto Lima entra no mundo da Poesia pela porta da frente, sabendo que no mundo das artes, tudo importa, e tudo pode ser traduzido em versos.

Procurando livros maranhenses?

Visite a Livraria Vozes, na Rua do Sol

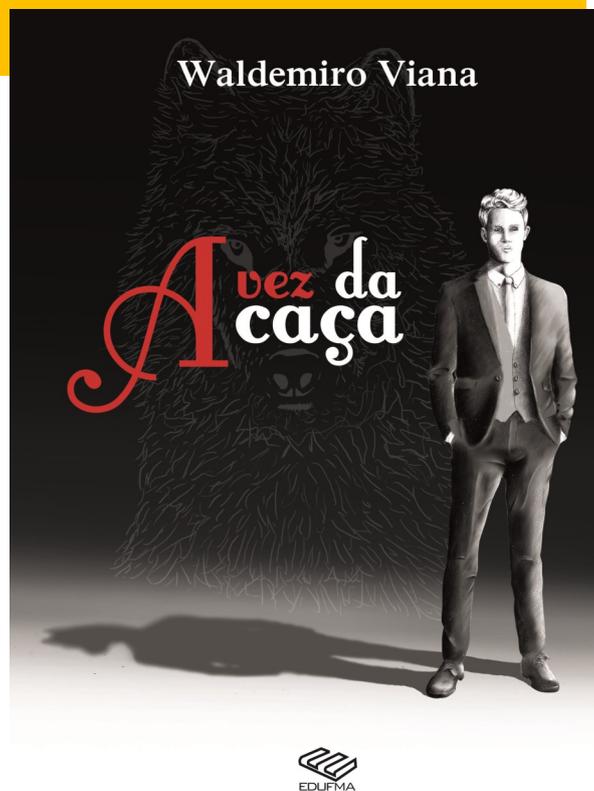
Lá há um setor inteiramente dedicado aos autores do Estado.



## SUGESTÃO DE LEITURA

Personagens problemáticos e perseguidos pela própria vida são uma das marcas estilísticas do romancista Waldemiro Viana.. Desta vez, em forma de um instigante quebra-cabeça narrativo dialogado, ele traz a público o livro *A Vez da Caça*, com a história de Euclides, um homem ambicioso e cheio de astúcias, mas que guarda consigo um segredo, que aos poucos se revela no decorrer da narrativa.

Waldemiro Viana é escritor, advogado, membro da Academia Maranhense de Letras e autor dos seguintes livros: *A Improvável Amoralidade de Apolônio Proeza*, *Graúna em Roça de Arroz*, *O mau Samaritano*, *A Tara e a Toga*, *Passarela* e *O Pulha Fictício*..

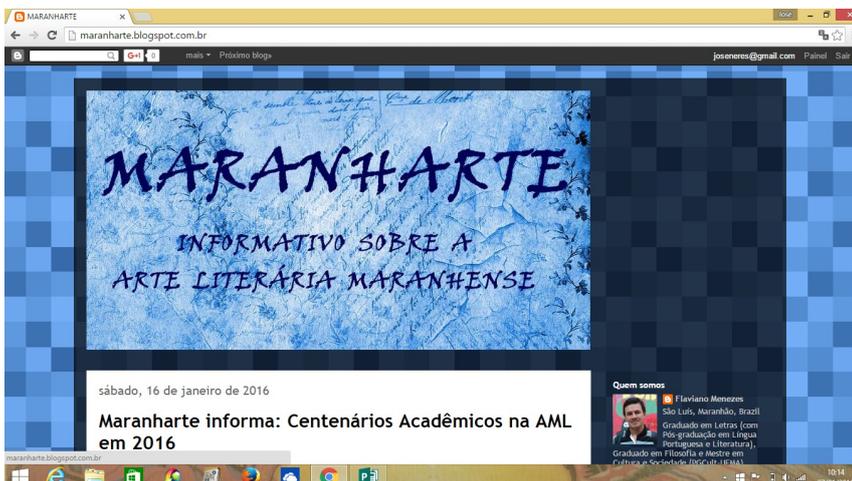


## PARA OUVIR

Quando cinco dos maiores nomes da música maranhense se reúnem em um projeto que tem como proposta levar música de boa qualidade ao maior número possível de pessoas, só podemos esperar algo bom. Foi assim que surgiu o Projeto A5, que culminou com a gravação de um CD e com muitos shows na capital e em algumas cidades interioranas.

Chiquinho França, Carlinhos Veloz, Mano Borges, Beto Pereira e Erasmo Dibell são os componentes desse projeto em parceria com a Clara Editora. Quem assistiu aos espetáculos ou pelo menos ouviu as faixas do CD sabe que qualidade não faltou em cada um dos acordes.

O projeto aparentemente chegou ao fim, mas deixou atrás de si um rastro de grande beleza musical. Música de ótima qualidade.



Quer saber mais sobre a literatura maranhense? Acesse o blog Maranharte.

[www.maranharte.blogspot.com.br](http://www.maranharte.blogspot.com.br)

# CANTINHO DA POESIA

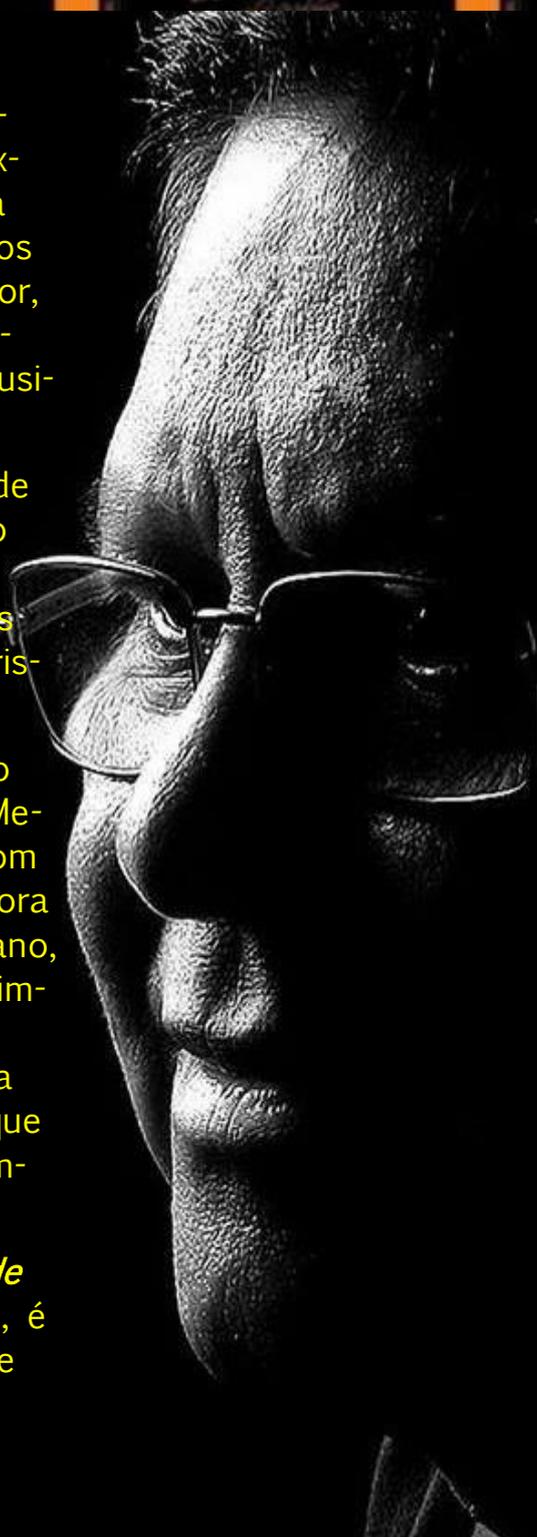
## DENTRO DE MIM, DE ELOY MELÔNIO

Escrever poesia é trabalhar incessantemente com as palavras e extrair delas um pouco da seiva da vida. Depois disso, resta brindar os leitores com algumas gotas de dor, coragem, alegria, revolta, conhecimento e, se possível, beleza e musicalidade.

É isso que se encontra no livro de estreia de Eloy Melônio, intitulado *Dentro de Mim*, no qual o autor apresenta algumas de suas visões de mundo, em uma mescla de lirismo e denúncia social.

Em seus poemas, ao contrário do que o título possa sugerir, Eloy Melônio não se preocupa apenas com seu interior, mas sim olha para fora de si, para as mazelas do cotidiano, tenta livrar-se do sentimento de impotência diante do caos por que passamos e utiliza os versos para mostrar que sempre há alguém que observa o mundo e que nem sempre está satisfeito com o que vê.

Dividido em seis partes, *Dentro de Mim* não é um livro de respostas, é uma obra de questionamentos, de muitos questionamentos...



# CANTINHO DA POESIA

## DOIS ANIMAIS

Eloy Melônio

Sou um burro.  
Não um burro qualquer.  
Burro de carga  
para o que der e vier.

Meu dono é um homem.  
Não um homem qualquer.  
Homem bruto,  
que faz de mim o que quer.

Parecemos um par  
Juntos a trabalhar.  
Eu vivo de carregar,  
Ele de me mandar.

Meu instrumento é uma carroça,  
Pesada de puxar.  
O dele, um chicote,  
leve para açoitar.

Cansado desta vida,  
quero mudar de lida.  
Ele vai a carroça puxar,  
E eu, apenas o ajudar.

## CONDENAÇÃO

Eloy Melônio

Ai de mim  
que não creio em Deus!  
Vou para o inferno.  
Adeus.

## SILFIE

Eloy Melônio

Ele está ali,  
deitado, pálido.  
Involuntário silêncio  
Eu estou aqui,  
de pé, rubro.  
Indelével momento  
Então penso:  
que tal uma foto?  
Pego o celular, e clico.  
Ficamos bem na selfie,  
imagem viva:  
eu e meu amigo morto.